

MANUEL DE LIMA BASTOS ESCREVEU MAIS DE 10 LIVROS SOBRE AQUILINO RIBEIRO

“AQUILINO NO FEMININO”,
EDITADO PELA UNICEPE, É O
MAIS RECENTE

Como Miguel Veiga, um amigo e admirador, um dia lhe disse, “nunca ninguém escreveu tão bem e tão profundamente” sobre Aquilino Ribeiro. Manuel de Lima Bastos, de 81 anos, é “aquiliano de alma e coração” tendo escrito mais de uma dezena de livros, o equivalente a “cerca de 1.600 páginas”, sobre o romancista oriundo do Carregal da Tabosa, concelho de Sernancelhe.

Editada pela Unicepe - Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto, a sua obra mais recente intitula-se “Aquilino no Feminino”. O lançamento está previsto para setembro na Fundação Eugénio de Andrade, no Porto. Depois disso, e pelo menos para já, haverá uma outra sessão em Sernancelhe. Ambas as apresentações estarão a cargo do “confrade nas letras e velho amigo de há poucos anos” José Manuel Mendes a quem, aliás, a obra é dedicada.

Entretanto, o livro já pode ser adquirido através do email unicepe@net.novis.pt de-

vendo os interessados indicar o nome para a dedicatória. O seu custo é de 18 euros. Para os associados da Unicepe é de 14,40 euros.

“AQUILINO NO FEMININO” MOSTRA-NOS UM OUTRO AQUILINO MAIS SENTIMENTAL

Com “Aquilino no Feminino”, no qual trabalhou “à volta de 2.500 horas” durante o primeiro ano de pandemia, Manuel de Lima Bastos quis mostrar um Aquilino Ribeiro muito diferente daquele que os seus leitores conhecem. “Quis mostrar o fâcias apaixonado, amoroso, de Aquilino porque quem conhece a sua biografia imagina que era um homem muito regrado e tão-somente um incansável obreiro da palavra”, contou o autor ao **labor**.

Aparte a época em que esteve casado com a alemã Grete Tiedemann (1913), o único amor da sua vida, e depois com Jerónima Dantas Machado (1929), “Aquilino Ribeiro primou sempre por uma conduta exemplar, digamos assim, embora aproveitasse certos períodos mais libertinos tendo sido um apaixonado bailarino da valsa a “trois temps” desfrutando da boémia das noites de Paris”.



FOTO: DR

1º PRÉMIO NUM CONCURSO DE CONTOS A NÍVEL NACIONAL

À nossa reportagem, Manuel de Lima Bastos abriu não só as portas de sua casa, em Miramar, mas também o “livro” da sua vida. Natural de Fiães (Santa Maria da Feira), o escritor foi também advogado durante quase 40 anos, é casado e tem três filhos e sete netos.

A caminho dos 82 anos, que completará a 13 de janeiro de 2022, Manuel de Lima Bastos sempre preferiu as humanidades às ciências exatas. Aliás, ainda no 2º ano do liceu “teve uma professora que me mandava fazer composições que lia aos outros alunos”.

Depois, já no 6º ano e com 16 anos de idade, incentivado também por uma professo-

ra, participou num concurso de contos a nível nacional. Escreveu “um conto sobre os homens da Ria de Aveiro que ganhou o 1º prémio” e que lhe valeu “800 escudos, quantia apreciável para a época”.

Manuel de Lima Bastos ainda pensou pegar no dinheiro e comprar “um bilhete interrail para passear um mês pela Europa”, mas o pai trocou-lhe as voltas. O cheque serviu para pagar “a pensão e a despesa de ir para Braga”, onde Manuel de Lima Bastos tinha frequentado o internato anexo ao Liceu Sá de Miranda, para subir a nota a Alemão. “Lá consegui subir para 14 nessa língua horrorosa. E com isto obtive a média de 16,75 que me dispensava do exame de aptidão à universidade”, partilhou com o **labor**.

Seguiu-se a frequência da Universidade de

Coimbra, para onde foi estudar Direito, porque “naquele tempo quem não sabia para que servia ia para Direito. O Direito dava para tudo”. Só que o 1º ano de faculdade “foi uma desgraça, um calvário” tendo chumbado por faltas, por não conseguir conciliar as aulas com a sua paixão pelo teatro: “Entre para o CITAC [Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra] que era o teatro experimental, modernista, vanguardista por comparação com o TEUC vocacionado para obras clássicas e vicentinas. Como os ensaios eram à noite, acabavam às duas, três ou quatro da manhã. Depois ainda iamos ceiar qualquer coisa. De modo que era raro chegar a casa antes das seis. Não tinha tempo para ir às aulas”.

Posteriormente o escritor ainda chegou a matricular-se em Lisboa mas, como confessou ao **labor**, “ainda hoje não sei onde fica a faculdade”. Começou a advogar no fim do verão de 1976 quando se demitiu da Caixa de Previdência de Aveiro à qual presidiu durante dois anos: “Vim em setembro para o escritório do meu patrono e padrinho, Dr. Alcides Strecht Monteiro, amigo íntimo de meu pai, que me convidou para sócio pois passava toda a semana em Lisboa como deputado na Assembleia da República”. Antes fundara uma empresa industrial, mas nessa época, casado e com dois filhos, decidiu enveredar pela advocacia.

“O MEU PAI INTELCTUAL É O AQUILINO”

A paixão por Aquilino Ribeiro nasceu por culpa do pai, médico e apaixonado de sempre pelo escritor da Beira Alta. Manuel de Lima Bastos diz mesmo que tem dois pais: “Um foi o meu pai biológico, o outro foi meu pai intelectual “O meu pai intelectual é o Aquilino”. A ambos devo, não só princípios e valores, como a inconformidade perante as injustiças do mundo”, asseverou ao nosso semanário.

Foi precisamente o seu pai biológico que, em janeiro de 1949, lhe ofereceu o livro “Cinco Reis de Gente”, da autoria de Aquilino Ribeiro, como prenda de anos. Manuel de Lima Bastos tinha nove anos e andava na terceira classe. “Li este livro e nunca mais parei de ler Aquilino”, ao ponto de, por exemplo, ter lido a obra “A Casa Grande de Romarigães” em 1957 e desde então continuar a lê-la todos os anos como se cumprisse um voto. De sorte como aconteceu com o Quixote de Cervantes a quem o juízo tresvariou com os livros de cavalaria. A partir daí nunca mais deixei de ler, reler e tresler Aquilino”, confessou.

FILHO DE AQUILINO RIBEIRO ESCREVEU UMA CARTA A MANUEL DE LIMA BASTOS

“A Sombra de Mestre Aquilino” foi o primeiro livro que Manuel de Lima Bastos escreveu sobre Aquilino Ribeiro com o qual, aliás, ganhou o Prémio Literário da Ordem dos Advogados de 2009. Recorde-se que no ano anterior o advogado e escritor Manuel Pereira da Costa, de S. João da Madeira, havia sido o laureado. Foi este primeiro livro que lhe deu a honra de receber uma carta de Aquilino Ribeiro Machado, o filho mais novo de Aquilino Ribeiro, a quem devotou a mais profunda amizade e que perdura ainda hoje. “Leu o meu livro e, sem eu saber, escreveu-me a carta” transcrita na contracapa de “Aquilino no Feminino”.

“Não trocava esta carta por nenhum prémio literário. Costumo dizer que ela é o meu “Prémio Nobel”. Não concebo honraria maior”, sublinhou.

Voltando ao “Aquilino no Feminino”, Manuel de Lima Bastos garantiu ao **labor** que, com esta obra, encerra a sua carreira literária. Esperemos sinceramente que não!

GISÉLIA NUNES
giselianunes@labor.pt

BIBLIOGRAFIA DE MANUEL DE LIMA BASTOS

- A SOMBRA DE MESTRE AQUILINO** (Prémio Literário da Ordem dos Advogados), Príncipe Editora, 2009, 1ª e 2ª edições
- ITINERÁRIO DA VIDA DE UM HOMEM COMUM**, Príncipe Editora, 2009
- LÍRICA BREVE E TARDIA**, poemas, edição do autor fora do mercado, 2009
- DE NOVO A SOMBRA DE MESTRE AQUILINO**, Príncipe Editora, 2010
- NA LUZ DA SOMBRA DE MESTRE AQUILINO**, Príncipe Editora, 2011
- RUMOR NO BOSQUE DAS PALAVRAS, POEMAS**, Tecto de Nuvens, 2011
- NO ESPLENDOR DA SOMBRA DE MESTRE AQUILINO**, Príncipe Editora, 2011
- O ALBERGUE DAS LETRAS, ENSAIOS HETERODOXOS**, Príncipe Editora, 2012
- OS AMANTES CLANDESTINOS E OUTRAS INUTILIDADES POÉTICAS**, edição do autor, fora do mercado
- A SOMBRA DE MESTRE AQUILINO NA CASA GRANDE DE ROMARIGAES**, Príncipe Editora, 2013
- O RETRATO DE AQUILINO I – PINTURA SOBRE PALAVRAS**, Príncipe Editora, 2013, esgotado
- REGRESSO A ROMARIGAES NA SOMBRA DE MESTRE AQUILINO**, Príncipe Editora, 2014
- MESTRE AQUILINO, A CAÇA E UMA GAITA QUE ASSOBIÁ**, Príncipe Editora, 2015
- MESTRE AQUILINO CAÇADOR E A GAITINHA DO CAPADOR**, Príncipe Editora, 2016
- O ANJO REFRACTÁRIO, CONTO, EDIÇÃO DO AUTOR FORA DO MERCADO**, 2016
- NO ADEUS A SOMBRA DE MESTRE AQUILINO**, Príncipe Editora, 2017
- O RETRATO DE AQUILINO II – PINTURA SOBRE PALAVRAS**, Príncipe Editora, 2017
- A MESA DA AMANTE FIEL, CHIADO BOOKS**, 2019
- AQUILINO NO FEMININO**, Edições Unicepe, 2021

AS MÃOS “INVISÍVEIS” DA INDÚSTRIA DE CHAPELARIA



FOTO: DR

Todas as peças que compramos têm uma história. A história de quem, quando e onde a fez. Uma história que se transforma em milhões delas que ficam por contar. Contar a história de um objeto produzido por uma indústria constituída por enes pessoas é o que está a ser feito pelo projeto “Interferências 1.0”. Desenvolvido pelo Teatro da Didascália e desenhado pelo Museu do Calçado, Museu da Chapelaria e pela Casa da Criatividade, em parceria com a Divisão de Ação Social da Câmara Municipal de S. João da Madeira, no âmbito do Programa “Cultura para Todos”, cofinanciado pelo Portugal 2020, este projeto é dirigido a pessoas com origens e vivências diferentes e tem como objetivo levar a comunidade a ter um papel ativo em ações artísticas com base nas suas memórias, nas suas histórias. A visita performativa “Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato”, apresentada em maio no Museu do Calçado, foi a primeira de cinco “interferências” ar-

tísticas associadas a marcas de identidade de S. João da Madeira. Desde o dia 16 de julho que a peça “Invisíveis” da instalação artística de Cláudia Ribeiro, desenvolvida com o apoio de Vera Santos, pode ser visitada no Museu da Chapelaria. Até novembro continuará tal como está, em cima de uma máquina junto à imagem dos “Unhas Negras”, mas a ideia é criar uma aplicação que lhe permita ficar suspensa entre o teto e a máquina, ficando assim à vista as mãos que por enquanto permanecem invisíveis a não ser que o visitante procure por elas. Mãos essas que pertencem às pessoas que dedicaram muito do seu tempo à criação da peça que deu origem a esta instalação artística. Muitas dessas mãos carregaram a peça do exterior para o interior do Museu da Chapelaria durante a sua inauguração, sexta-feira passada, seguindo-se duas reposições no dia seguinte. Assim foi assinalado o processo de um mês de trabalho manual “difícil” e “minucioso” levado a cabo por vá-

rias pessoas que também ali deixaram as suas histórias sobre S. João da Madeira e outros países, explicou Vera Santos.

“Invisíveis” é “uma homenagem aos ‘atores’ e ‘atrizes’ da indústria chapelaria”, considerou Joana Galhano, diretora do Museu da Chapelaria e do Calçado, dando como exemplo algumas das personagens que deram o corpo e a alma à confeção e à venda de chapéus, um dos objetos que colocou S. João da Madeira no mapa a nível nacional e internacional.

Personagens como as Recoveiras, que levavam os chapéus na cabeça, descalças, aos mercados de Ovar, Espinho e até Porto; os homens, que além do suor, sangue e lágrimas, ficavam com as unhas, e as mãos, todas negras e acabaram por ser apelidados de “Unhas Negras”, cuja história é retratada no romance com o mesmo nome pelo sanjoanense João da Silva Correia; e os homens de chapéu ilustrados no Museu da Chapelaria; foram “o ponto de partida para chegar à ideia do tapete”,

explicou Cristina Ribeiro, à margem da inauguração, ao **labor**.

Um processo enriquecido pela pesquisa de fotografias e pelas entrevistas a empregados da indústria de chapelaria que, por momentos, deixaram de ser “invisíveis” e tornaram-se “visíveis” aos olhos de quem quis ouvir as suas histórias que são desde “maravilhosas” até de “arrepiares”, revelou a figurinista, para quem as mãos dos participantes assumiram o protagonismo na instalação artística em homenagem às mãos de tantas pessoas que dedicaram a sua vida à indústria chapelaria. “Interessante as mãos que criaram a peça”, “fotografadas e desenhadas” ao longo da criação do tapete que passou a ser “um corpo com memória”, deu a conhecer Cristina Ribeiro ao **labor**.

A figurinista, que coordenou ao longo de 12 anos, o guarda-roupa do Teatro Nacional S. João, no Porto, é docente na ESMAE e na Escola Artística Soares dos Reis, onde leciona várias disciplinas na área da Cenografia e da Tecnologia,

e enquanto freelancer trabalha com diversas personalidades da área do teatro, música, ópera, ballet, televisão e cinema. No seu currículo, conta ainda com muito trabalho com a comunidade, sendo “Invisíveis” o mais recentemente desenvolvido através do “Interferências 1.0”. “Um projeto muito interessante, próximo e pouco convencional”, descreveu Cristina Ribeiro, demonstrando estar visivelmente emocionada não só pela peça, mas sobretudo pelo trabalho desenvolvido com e pela comunidade. “A capacitação das pessoas em perceber a arte. Elas perceberem que este espaço é delas” porque “sem elas ele não existe”, concluiu Cláudia Ribeiro ao **labor**.

O livro “A minha vida foi um futuro, para toda a minha família” é parte integrante da instalação plástica “Invisíveis”, contendo desenhos das mãos, imagens e testemunhos dos seus participantes.

DIANA FAMILIAR
dianafamiliar@labor.pt

VAMOS TER MAIS TRÊS “INTERFERÊNCIAS”

Desde dezembro de 2020 até julho de 2022 vai ser desenvolvido um trabalho que levará à criação de cinco “interferências” artísticas em S. João da Madeira.

Para além da visita performativa “Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato” no Museu do Calçado e da instalação artística “Invisíveis” no Museu do Calçado, que foram a primeira e a segunda, respetivamente, seguem-se mais três intervenções em diferentes espaços da cidade. A saber, na Casa da Criatividade (com período de criação entre agosto e novembro de 2021), na Oliva (com período de criação entre dezembro de 2021 e março de 2022) e na Praça Luís Ribeiro (com período de criação entre abril e julho de 2022).

“MEMÓRIA FUTURA”

As cinco “interferências” vão integrar o circuito artístico e urbano “Memória Futura” que estará disponível através de QRCode em diferentes locais da cidade. O objetivo é que este formato digital também fique disponível em meios digitais para que S. João da Madeira chegue a todo o mundo.